

TRADUZINDO AS DIFERENÇAS EXTRA-LINGÜÍSTICAS – PROCEDIMENTOS E CONDICIONANTES*

Francis Henrik Aubert**

RESUMO: Os marcadores culturais que se manifestam sob forma lingüística nos textos constituem um dos bem conhecidos obstáculos à tradução. São, no entanto, e a despeito das evidentes dificuldades, traduzidos de um modo ou outro. Este trabalho, com base em um estudo conduzido sobre dois textos em português brasileiro e suas respectivas traduções para o inglês norte-americano, investiga os procedimentos tradutórios adotados para os marcadores culturais lexicais, a distribuição dos diversos procedimentos empregados e indaga acerca de possíveis fatores condicionantes de tal distribuição. Os resultados, ao mesmo tempo que confirmam a previsão estrutural, indicam a clara influência das condições de produção sobre a distribuição efetiva das ocorrências.

UNITERMOS: tradução cultural; procedimentos de tradução.

ABSTRACT: Cultural markers that find linguistic expression in texts are a well-known obstacle to translation. Yet, and despite the evident difficulties, they are translated, in one fashion or another. This paper, based on a survey of two Brazilian Portuguese texts and their translation into American English, investigates the translation procedures applied to the lexical cultural markers, the distribution of the different procedures resorted to and inquires as to possible factors which may condition such distribution. The results, while confirming the structural predictions, clearly

* Este trabalho deriva de uma re-escrita e atualização de AUBERT, F. H. *A tradução do intraduzível* (1981), manuscrito inédito.

** Universidade de São Paulo.

indicate the influence of the production conditions on the actual distribution of the occurrences.

KEYWORDS: *cultural translation; translation procedures.*

Introdução

São múltiplos os obstáculos enfrentados pela comunicação interpessoal instrumentalizada pelo recurso à linguagem articulada humana. Estes obstáculos incluem desde aqueles de ordem nuclearmente lingüística, localizáveis nos planos fonêmico / grafêmico, lexical, morfossintático e semântico, espriam-se por conflitos, ambigüidades e inseguranças de naturezas pragmática e pressupositiva, ressurgem com ênfase nas dimensões sociais, antropológicas, psicológicas e diacrônicas. Em síntese, toda diferença implica dificuldade e potencial impedimento da intercompreensão; e a sobreposição de diferenças potencializa as dificuldades, ainda que não lhes altere a essência. No limite, sugerem a incomunicabilidade interpessoal, ou, no dizer do credo mais poético de Strindberg, “a irremediável e inapelável solidão da alma”.¹

A diferença, a alteridade, é constitutiva da condição humana: por conseguinte, a comunicação e a linguagem que lhe dá sustentação portam em si a diferença, a alteridade, ainda que em aparente contradição com o seu propósito mais evidente de viabilizar a interação intersubjetiva. A tradução dita interlingual, como um dos domínios de aplicação da linguagem, não constitui, pois, espaço exclusivo da diferenciação; apenas, pela sobreposição simultânea de diferenciadores lingüísticos, culturais, psicossociais, espaciais e históricos (pelo menos), com o consequente efeito de amplificação mútua, a tradução efetivamente potencializa, tornando evidente e nítida, a multiplicidade de obstáculos que se opõem às inteligibilidades mútuas: não sobressai a tradução como campo exclusivo, mas, indiscutivelmente, como campo privilegiado de observação das diferenças lingüístico-culturais que se interpõem à comunicação social.

¹ *Själens obotliga ensamhet.*

Na diferença está o próprio paradoxo da tradução: a tradução se faz a partir da diferença, pois sem diferença não haveria por que traduzir; se faz diferente, pois, não fosse diferente, não seria eficaz; e, no entanto, almeja a identidade, busca o fazer-se entender tal como o original se faz – ou se pretende fazer – entender. É ao interior desse paradoxo que se move o tradutor e, *pour cause*, o estudioso da tradução.

Admitido o caráter diverso e potencialmente contraditório da operação tradutória, cabe, no entanto, buscar no complexo de realidades – lingüísticas e não-lingüísticas – pistas que permitam entrever regularidades e previsibilidades. As regularidades porventura identificadas não negam a diversidade; nem a previsibilidade, eventualmente observável em determinados recortes metodológicos, contradiz ou se opõe às incertezas intrínsecas ao humano e às suas múltiplas facetas culturais, políticas ou históricas: antes, em um jogo de ponto-contraponto, reproduzem, na tradução e na tradutologia como nas demais dimensões do fazer humano e das ciências humanas (e, de certo ponto de vista, na própria linguagem, mesmo em sua dimensão *intralingual*), o equilíbrio instável no qual as práticas tanto quanto as teorias têm de se inserir. É na perspectiva desta busca (a busca da *constância*, no dizer de Hjelmslev, 1943) que se articula o presente trabalho.

Marcadores culturais no léxico

Todo e qualquer texto, de qualquer tipologia, porta em si, explícita e implicitamente, marcas culturais variadas.² As marcas podem fazer-se perceber na pressuposição, na gramática textual, nos recortes conceptuais, na estilística, nos idiomatismos

² Em outra perspectiva, o próprio texto é, em si, uma manifestação cultural; é, a um só tempo, reflexo da cultura em que foi gerada e elemento constituidor dinâmico (e, eventualmente, transformador) dessa mesma cultura. No presente trabalho, porém, apenas a superficialização lingüística lexical da cultura de fundo em que o texto foi gerado será objeto de análise mais aprofundada.

e nas fraseologias, no léxico e, até mesmo, na materialidade do texto (leiaute). Textos há que buscam a universalidade: textos institucionais de circulação globalizada, textos acadêmicos e científicos em geral, textos técnicos. Mesmo estes, no entanto, ao recorrerem a valores presumidos como universais, fazem, na realidade, uso de recursos disponibilizados pela cultura dominante no momento histórico e na área de influência geopolítica de sua gestação, sem deixarem de trair, na forma de conteúdo tanto quanto na forma de expressão, a sua localização em um espaço cultural definido.³

Textos há, por outro lado, assumidamente inseridos em determinada cultura, ou dela fazendo o seu objeto, sua razão de ser. Nesses, via de regra, as marcas culturais são mais explícitas e mais freqüentes. Se o texto técnico, ao adotar uma terminologia de especialidade, busca criar o duplo efeito da objetividade e da universalidade, o romance regionalista, para mencionar um dentre vários pólos opostos, busca, no máximo, fazer universalmente compreendido o peculiar, o idiossincrático, recorrendo a uma abundância de termos que remetam a esse peculiar, que materializem, na percepção lingüística mais elementar, a alteridade extra-lingüística retratada.

As marcas culturais, insista-se, perpassam todo e qualquer texto, nos mais diversos planos de análise. Na superfície lingüística, porém, essas marcas são, efetivamente, mais evidentes no léxico. É também no léxico – no sentido lato, ou seja, incluindo as formas sintagmáticas cristalizadas – que se mostram mais irredutíveis aos procedimentos usuais da tradução: a tradução literal, a transposição, a modulação.⁴

A gramática de texto, para considerarmos um outro nível à guisa de ilustração, também contém – ou mesmo representa – marcas culturais específicas. Assim, por exemplo, um contrato anglo-saxônico inclui, como constituintes essenciais, os *consideranda* do preâmbulo e a cláusula inicial de definições, elementos esses ausentes da norma textual dos contratos luso-brasileiros.

³ Vide, a propósito, o estudo revelador de Azenha (1999).

⁴ Para uma definição sumária destes termos, vide item seguinte. Para uma descrição mais detalhada, vide Aubert (1998).

No entanto, é perfeitamente possível construir um texto contratual em português utilizando o modelo textual anglo-saxônico sem, com isso, gerar dificuldades maiores de entendimento: quando muito, haverá uma percepção difusa de *Verfremdung*. Se, porém, considerarmos os termos culturalmente marcados que ocorrem em tais textos, observaremos uma situação diversa e mais clara: o componente **CNPJ**, constante da qualificação de qualquer uma das partes pessoas jurídicas de um contrato brasileiro é, de princípio, irredutível ao inglês, posto que seus constituintes de significado (semas) são apenas parcialmente equivalentes ao ***federal identification number***, usualmente idêntico ao número de inscrição da empresa na ***Social Security*** (que, por sua vez, é instituição similar mas não idêntica ao **número de inscrição no Instituto Nacional de Seguridade Social** brasileiro e, principalmente, não tem as mesmas funções de qualificação da pessoa física ou jurídica).

Segue-se, portanto, que uma observação do que ocorre no plano lexical, confrontando-se originais e suas respectivas traduções, pode fornecer pistas sobre os procedimentos tradutórios adotados, e, paralelamente, permitir uma avaliação do maior ou menor êxito em encontrar formas de dizibilidade superadoras, no todo ou em parte, das diferenças culturais.

Os procedimentos técnicos da tradução

A ferramenta metodológica que aqui se empregará para conduzir a observação e o confronto original/tradução com foco nas marcas lingüísticas da realidade extra-lingüística, presumida específica, do complexo língua-cultura fonte (LF) é derivada da proposta original de Vinay e Darbelnet (1958), que descreve os chamados *procedimentos técnicos da tradução*,⁵ conforme reformulada pelo autor e descrita, com algum detalhamento, em outros textos (Aubert, 1984; Aubert, 1998).

Em uma síntese que se assume simplificadora – e aqui inserida apenas para assegurar uma certa consistência na descri-

⁵ Em Aubert (1984), e Aubert (1998), as “modalidades de tradução”.

ção e na argumentação a serem propostas – presume-se uma escala avaliadora do grau de proximidade/distância entre original e tradução, aplicada sobre a estrutura de superfície (manifesta) do texto. Como “ponto zero” (que, por sua vez, tem, como ponto negativo precedente, a *omissão*), encontra-se um procedimento denominado *transcrição*, correspondente a determinados universais ou elementos compartilhados entre a LF e a língua-cultura meta (LM), tais como fórmulas químicas ou algébricas, algarismos, latinismos. Passa-se, em progressivos graus de distanciamento, pelo *empréstimo* (similar à transcrição, mas desprovido do caráter universalizante), pelo *decalque* (empréstimo parcialmente aclimatado), pela *tradução literal* (palavra por palavra) e pela *transposição* (adequação morfossintática). Com o procedimento denominado *explicitação/implicitação*, adentra-se a esfera de ações tradutórias que mais diretamente atuam sobre o significado. Na *modulação*, obtém-se efeitos de sentido equivalentes, por meio de recursos lingüísticos (inclusive semânticos) distintos. Finalmente, na *adaptação*, apenas alguns semas são tidos como compartilhados, mas o efeito de sentido é decididamente diverso.

A natureza especial dos marcadores lingüísticos das especificidades culturais da LF sugere que, dentre os diversos procedimentos de tradução, alguns teriam destaque especial: (a) a *omissão*, procedimento pelo qual se procura evitar a dificuldade; (b) o *empréstimo* (recorrendo-se ao co-texto como recurso suplementar); (c) a *explicitação* (recurso à paráfrase), isoladamente ou como procedimento auxiliar ao empréstimo; (d) a *adaptação*, este último procedimento redundando em um processo mais ou menos declarado de aculturação. Ainda, em vista das dificuldades referências impostas pelos referidos marcadores, não constituiria surpresa registrar-se uma ocorrência de erros acima do esperável na análise de textos corridos.

Os domínios da realidade extra-lingüística

Em textos de natureza mais propriamente técnica, os marcadores culturais tenderão a centrar-se em determinado domínio ou especialidade. Assim, em um texto jurídico, os

marcadores específicos remeterão, salvo exceção pontual, aos princípios da legislação e/ou jurisprudência e às instituições de direito específicos de determinado país, região, cultura. Considerem-se conceitos e referências tais como *IGP-M*, *CPF*, *NIRE*, *município*, *acionista* (por oposição a *sócio-quotista*), *assembleia geral extraordinária*, *CLT*, *INSS*, *registro civil das pessoas jurídicas*, *junta comercial* e assim, quase indefinidamente, por diante; todos esses serão passíveis de ocorrerem em um mesmo texto da especialidade (por exemplo, no estatuto de uma sociedade anônima), que muito dificilmente conterá marcadores culturais específicos de algum outro domínio mais distante do universo jurídico-comercial (culinária, fauna, folclore, hierarquias sociais, relações de parentesco, etc.).

Em outras tipologias textuais, porém, pode-se esperar uma variedade maior de domínios representados. Tipicamente, o texto de um romance regionalista conterá termos relativos às peculiaridades naturais da região (flora, fauna, clima, topografia e similares), termos referentes a comportamentos e instituições sociais, a objetos de uso cotidiano específicos da cultura retratada, a crenças e a credences, e assim por diante.

Ora, é previsível que, dependendo do domínio referido, haverá comportamentos distintos nas diversas relações interculturais que se estabelecem, inclusive, bem entendido, na relação muito específica que é a tradução. Com efeito, a maior ou menor dizibilidade de uma cultura na língua de outra cultura depende não apenas – talvez nem prioritariamente – dos recursos de expressão disponíveis, que podem revelar-se mera decorrência da atuação de outros fatores. A própria existência e/ou utilizabilidade de tais recursos depende de fatores extra-lingüísticos, entre os quais se destacam o maior ou menor grau de dominação cultural existente entre eles, fatores e heranças históricas de inter-relações anteriores, entre outros.

Assim, é mais fácil um receptor brasileiro fazer-se uma idéia do que seja um *sheriff* (ainda que tal idéia esteja “contaminada” pela tradição cinematográfica do “faroeste” ou dos seriados policiais hollywoodianos), designando-o, sem dificuldades maiores, como *xerife*,⁶ do que, inversamente, tornar inteligível para um

⁶ Em ambos os idiomas considerados, herança etimológica, ainda que não institucional, do árabe *al-shariff*.

receptor anglo-americano o conceito de *delegado de polícia*, para o qual, não surpreendentemente, inexistiu um termo específico que o possa nomear. O *chucrute* alemão é mais conhecido (ainda que não amplamente consumido) em paragens brasileiras do que a *couve manteiga* na Europa Central. *Liberté, Egalité, Fraternité* goza da dupla vantagem da tradutibilidade direta e do reconhecimento amplo; já *Ordem e Progresso* satisfaz apenas ao primeiro critério, salvo, quiçá, para os parques remanescentes franceses do positivismo.

Por outro lado, a relação de dominação decorrente dos processos coloniais e outras formas de controle territorial, econômico, político e ideológico contribuiu, historicamente, para tornar certas realidades específicas dos espaços dominados dizíveis nas línguas dominantes, por integrarem aspectos de interesse das culturas dominantes. Deste modo, pode-se prever que termos que designem recursos naturais passíveis de exploração ou de consumo sejam mais encontrados nas línguas-culturas dominantes do que termos que designem realidades sociais, antropológicas, religiosas e similares, realidades essas frequentemente representando forças de resistência à dominação. Não deve, pois, surpreender encontrar-se dicionarizado o equivalente inglês de *pitanga* (*Surinam cherry*), mas ser necessária toda uma explanação para fazer entender em inglês o termo *quilombola*. Pelo mesmo motivo, aplicado à relação inversa, a dizibilidade (inclusive a disponibilidade de recursos lingüísticos) nas culturas dominadas das realidades extra-lingüísticas das culturas dominantes é bem mais abrangente, como ficou demonstrado no parágrafo precedente.

Entendida a questão dos domínios como relevante para o tema do presente estudo, adotou-se, para fins descritivos e analíticos, a classificação originariamente proposta por Nida (1945), que reparte as unidades lingüísticas referentes a realidades específicas nos seguintes domínios: o *ecológico*, o da *cultura material*, o da *cultura social* e o da *cultura ideológica* –, além do domínio da *cultura lingüística*⁷ (a organização interna de um sistema

⁷ Adotou-se, aqui, em lugar da designação cultura religiosa, um conceito mais amplo, conforme ponderado por Mounin (1963, nota 135), que julga preferível “considerar um domínio mais extenso, a cultu-

lingüístico específico de uma comunidade). Este último foi excluído deste trabalho pela própria delimitação do campo de investigação aqui perseguido, qual seja, o exame dos recursos empregados pelos tradutores nas situações de tradução mais críticas,⁸ em que determinado segmento textual mostra-se, aparentemente, intraduzível não por problemas de organização lingüística interna – ausência de correspondência formal – contornáveis por referência à situação, mas por referir-se a realidades externas à língua que não encontram equivalente na cultura, na experiência de vida, individual ou coletiva, no acervo histórico-cultural e, por conseguinte, na própria LM.

O sistema classificatório proposto por Nida apresenta algumas dificuldades de implementação, em especial decorrentes da delimitação nem sempre auto-evidente entre os domínios. Assim, por exemplo, um termo como *baião* poderia, conforme o ponto de vista, ser atribuído quer ao domínio da cultura material, quer ao da cultura social. Do mesmo modo, *vereda* poderia ser considerado seja como produto da natureza – domínio ecológico – seja do ponto de vista de sua utilização pelo homem para atender às suas necessidades de alimentação e de transporte, isto é, como pertencente ao domínio material.

A dificuldade torna-se mais evidente no caso dos adjetivos marcadores de especificidade cultural. No corpus analisado (vide item seguinte), as ocorrências do adjetivo *sertanejo* repartem-se entre os quatro domínios; já o termo *caboclo* refere-se ora a um tipo étnico (domínio social), ora a entidades espirituais (domínio ideológico). Incumbe, portanto, elaborar definições que, para além do conceptual, proporcionem indicativos operacionais de aplicação do modelo à descrição do material lingüístico sob exame. É com este intuito – e reconhecendo, desde logo, o caráter relativamente singelo da classificação de Nida, sem detrimento, po-

ra ideológica, o conjunto de idéias que os homens de um determinado mundo se fazem desse mundo”.

⁸ As situações tradutórias aqui trabalhadas são entendidas como sendo as “mais críticas” à exceção das manifestações da função poética da linguagem (Jakobson, 1969). Na função poética, o que Nida denomina “cultura lingüística” torna-se, por definição, o aspecto crucial da investigação.

rém, de sua validade para uma análise que se propõe, no atual estágio, como exploratório – que os domínios da realidade extralingüística, para os estritos propósitos da presente pesquisa, foram definidos como segue:

(a) *domínio ecológico* – termos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do termo não implique que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alterações pela ação voluntária do homem: *urubu, juazeiro, chuva de caju, chapadão, vereda*, etc.;

(b) *domínio da cultura material* – termos que designam objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas: *maloca, gibão, cachaça, mungunzá, aboiado, chácara, samba, vaquejar*, etc.;

(c) *domínio da cultura social* – termos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam essas relações, inclusive atividades lingüísticas: *jagunço, tupi, apadrinhar, coronel, pai-de-santo*,⁹ *repentista, concessão de sesmarias*, etc.;

(d) *domínio da cultura ideológica* – termos que designam seres, objetos e eventos pertencentes a sistemas de crenças, inclusive sistemas mitológicos, as entidades espirituais tidas como fazendo parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades: *mula-sem-cabeça, Ogum, encantado, benzedura*, etc.

Caracterização do corpus

Para proceder a uma investigação com base em dados reais, foram selecionadas duas obras representativas da cultura brasileira, os dois primeiros capítulos (“A Terra” e “O Homem”)¹⁰

⁹ Conforme o co-texto de atualização, um termo como *pai-de-santo* pode ser classificado como pertencente ao domínio da cultura social ou ao domínio da cultura ideológica.

¹⁰ A limitação do levantamento aos dois primeiros capítulos deve-se a dois fatores. Em primeiro lugar, a natureza do texto muda após o

de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e a totalidade do romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado. Em cada um, foram escolhidos, aleatoriamente, 10 páginas, perfazendo no total cerca de 50.000 palavras de texto. Nestas páginas, foram assinalados todos os termos e expressões que, de algum modo, se referem expressamente à realidade extra-lingüística brasileira (ecológica, da cultura material, social ou ideológica – vide Nida, 1945), incluindo-se, neste levantamento, todas as recorrências dos mesmos termos e expressões, totalizando 962 ocorrências (630 em *Os Sertões*, e 332 em *Tereza Batista*. A seguir, buscou-se localizar, nas respectivas traduções (vide *Referências bibliográficas*), a equivalência tradutória oferecida para cada termo culturalmente marcado, assinalando-se a forma da ocorrência (inclusive sua realização morfológica específica e ocasionais flutuações gráficas), o co-texto imediato, o tipo de procedimento (inclusive eventuais hibridismos) e o domínio a que o termo pertence, quer por seu significado geral, quer pelos semas atualizados no co-texto em questão.

A classificação por domínio exigiu, não raro, a consulta a obras de referência nas duas línguas (dicionários, vocabulários, tesauri e enciclopédias). Nessa etapa, procedeu-se a uma verificação sistemática, triando e eliminando do corpúsculo os termos que, à primeira vista específicos da realidade brasileira, dispunham, efetivamente, de equivalente de tradução aceito e dicionarizado na LM (inglês).

segundo capítulo, passando de uma etapa descritiva para a narrativa – história militar – das diversas campanhas movidas contra o arraial de Canudos. Em segundo lugar, o número de ocorrências observadas nos capítulos iniciais de *Os Sertões* representou perto do dobro do número de ocorrências observadas na totalidade de *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Incluir o texto integral de Euclides da Cunha teria, portanto, como efeito induzir a uma reflexão monográfica sobre um texto único. Sendo a intenção do trabalho detectar tendências gerais mais do que idiosincrasias idioletais, julgou-se prudente limitar o material a analisar àquele observado nos capítulos introdutórios da obra.

Apresentação e análise dos dados

Os procedimentos adotados no processo de constituição do *cópus* permitem o exame de diversos aspectos, entre os quais sobressaem: (1) o peso relativo de cada procedimento; (2) a relação entre procedimento e domínio; (3) a relação entre procedimento e obra; e (4) a relação entre domínio e obra. Destes, os dois primeiros são centrais ao presente estudo, porquanto permitem buscar tendências gerais, generalizáveis para além do *cópus* específico; já os aspectos elencados em (3) e (4) assumem um papel marginal, pois não se pretende, aqui, efetuar um diagnóstico específico do comportamento tradutório de determinado tradutor, nem são as obras que compõem o *cópus* quantitativamente suficientes para investigar, exceto por hipótese preliminar, uma possível correlação entre a distribuição dos procedimentos e a tipologia textual.

Tomando o *cópus* como um todo, verifica-se que os procedimentos de tradução distribuem-se tal como delineado no Quadro 1.

Quadro 1. Frequência dos procedimentos de tradução utilizados na tradução dos termos culturalmente marcados em *Os Sertões* e em *Tereza Batista Cansada de Guerra*

PROCEDIMENTOS	FREQUÊNCIA	
	<i>n</i>	%
Omissão	18	1,9
Empréstimo	392	40,7
Decalque	5	0,5
Tradução literal	23	2,4
Transposição	14	1,5
Explicitação	54	5,6
Modulação	73	7,6
Adaptação	337	35,0
Erro	46	4,8
TOTAL	962	100,00

O Quadro 1 indica que a previsão feita acima acerca da distribuição dos procedimentos no caso da tradução de termos marcadores da especificidade cultural da LF foi parcialmente

confirmada. Como sugerido, sobressaem os extremos da escala, o empréstimo e a adaptação, que, em conjunto, representam $\frac{3}{4}$ de todas as ocorrências. A omissão (ou seja, a evitação da dificuldade) apresenta uma ocorrência muito reduzida.¹¹ Já o erro representa uma categoria relativamente significativa (próximo a 5% das ocorrências).

O índice de ocorrência de explicitação, inferior ao da modulação, pode parecer algo surpreendente. Com efeito, a modulação, no caso dos marcadores culturais, representa uma faceta diferente da evitação, como na tradução de *saveirista* pelo nome do personagem *Janu*, em *Tereza Batista*. Já a explicitação (ou seja, a paráfrase, por qualquer de seus múltiplos meios de expressão) pareceria constituir um procedimento tradutório mais apropriado para lidar com a alteridade cultural.

Ocorre que, na tradução em geral, a explicitação tende a ser utilizada menos como um procedimento autônomo e mais como um procedimento suplementar a outros, assumindo, o mais das vezes, a forma de aposto¹² ou de nota de tradutor. Considerem-se os dados apresentados no quadro abaixo:

Quadro 2. Ocorrência de procedimentos de tradução envolvendo as diversas formas de explicitação

Procedimentos	FREQUÊNCIA	
	<i>n</i>	%
Omissão	18	1,9
Empréstimo	392	40,7
Decalque	5	0,5
Tradução literal	23	2,4
Transposição	14	1,5
Explicitação	54	5,6
Modulação	73	7,6
Adaptação	337	35,0
Erro	46	4,8
TOTAL	962	100,00

¹¹ Na realidade, se forem computadas as omissões parciais, isto é, as omissões que co-ocorrem com outros procedimentos, o índice é ligeiramente mais elevado. Por outro lado, as omissões não raro representam supressões pontuais, resgatadas em outros trechos da tradução, para o mesmo termo.

Tais dados confirmam a hipótese inicial, com uma incidência total de explicitações (isoladamente e em caráter suplementar) representando perto de 1/5 das ocorrências, com especial destaque para a combinatória da explicitação com o empréstimo. Embora o co-texto possa, em grande parte, suprir as dificuldades inerentes à decodificação dos empréstimos pelo leitor-destinatário da tradução, evidencia-se, aqui, o esforço de tornar os empréstimos independentes da relação co-textual, autonomizando-os com a suplementação informativa da explicitação.

Outro dado que pode causar espécie é a ocorrência de traduções literais. Embora pouco freqüente (2,4% no corpus como um todo), cabe considerar que a própria natureza da tradução literal é incompatível com a do marcador lingüístico de alteridade cultural. Ao que parece, porém, a tradução literal, quando ocorre, tende a operar como uma espécie de decalque, como em *mula-sem-cabeça* traduzido como *headless mule*. O que no material aqui investigado vem classificado como tradução literal não corresponde, pois, à situação de correspondência morfosintática e semântica observável no par *seu nome é Maria* → *her name is Mary*. Neste sentido, a tradução literal constitui, no corpus em tela, uma variante do empréstimo.¹³

O conjunto de procedimentos que inclui o empréstimo, o decalque e a tradução literal representa 43,6% das ocorrências. Se, por analogia, considerar-se em conjunto as ocorrências de adaptação e de modulação (Quadro 1), obtém-se uma freqüência total de 42,6%, o que reforça a percepção dos pontos extremos da escala de procedimentos como essenciais na lide com

¹² Ainda que, em alguns casos, ocorra uma inversão na estrutura de superfície, ou seja, com o procedimento teoricamente principal assumindo, sintaticamente, a função apositiva (vide também Aubert, 2002).

¹³ Ocasionalmente, é a marca de alteridade que se torna oculta. *Canudos de pito* e *pipe reeds* remetem, em termos botânicos, a espécies e variedades distintas. Na superfície semântica e na percepção do leitor leigo na morfologia científica, porém, constituem, efetivamente, traduções literais entre si (formalmente, trata-se de uma transposição, embora se perceba uma intenção de literalidade semântica no procedimento adotado).

marcadores culturais na tradução e do relativo equilíbrio entre as duas principais opções tradutórias.

Introduzindo a variável representada pelos domínios extra-lingüísticos que se fazem presentes nas marcas textuais da alteridade, os dados coligidos resultam no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3. Frequência dos procedimentos de tradução aplicados aos termos culturalmente marcados em *Os Sertões* e em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, por domínio

DOMÍNIOS	ECOLÓGICO		MATERIAL		SOCIAL		IDEOLÓGICO		TOTAL	
PROCEDIMENTOS	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Omissão	9	2,8	6	2,5	3	0,8	0	0,0	18	1,9
Empréstimo	116	35,7	80	33,8	169	46,8	27	69,2	392	40,7
Decalque	0	0,0	0	0,0	4	1,1	1	2,6	5	0,5
Tradução literal	9	2,8	2	0,8	9	2,5	3	7,7	23	2,4
Transposição	13	4,0	0	0,0	1	0,3	0	0,0	14	1,5
Explicitação	9	2,8	27	11,4	18	5,0	0	0,0	54	5,6
Modulação	6	1,8	16	6,8	51	14,1	0	0,0	73	7,6
Adaptação	150	46,1	87	36,7	95	26,3	5	12,8	337	35,0
Erro	13	4,0	19	8,0	11	3,1	3	7,7	46	4,8

Em termos de valores absolutos, constata-se uma predominância dos domínios ecológico e social, uma posição intermediária para o domínio da cultura material, e uma baixa ocorrência de marcadores da cultura ideológica. Tais valores, porém, caracterizam os textos originais, não o processo e o produto tradutórios.

O equilíbrio observado entre o empréstimo e a adaptação no Quadro 1 mostra-se, aqui, menos evidente. No domínio ecológico, o empréstimo responde por pouco mais de 1/3 das ocorrências, enquanto a adaptação corresponde a perto da metade. No domínio ideológico, por volta de 70% das ocorrências concentram-se no empréstimo, enquanto que a adaptação representa pouco mais de 1/8 dos procedimentos adotados.¹⁴ De modo geral, quanto menos “tangível” o referente, mais forte se faz presente o recurso ao empréstimo e menos intenso se constata ser o recurso à adaptação – o que reforça a idéia de uma maior “opacidade” intercultural das especificidades sociais e ideológicas.

¹⁴ Convém, no entanto, apontar que a baixa frequência de termos marcadores da cultura ideológica não permite ilações distributivas com embasamento estatístico seguro.

As tendências descritas no que precede ficam mais nítidas ao simplificar o Quadro 3 em um agrupamento dos procedimentos em torno do empréstimo e da adaptação conforme discutido acima. Observe-se:

Quadro 3a. Frequência dos procedimentos de tradução aplicados aos termos culturalmente marcados em *Os Sertões* e em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, por domínio, com destaque para o empréstimo e a adaptação

DOMÍNIOS	ECOLÓGICO		MATERIAL		SOCIAL		IDEOLÓGICO		TOTAL	
PROCEDIMENTOS	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Empréstimo e similares	125	38,5	82	34,6	182	50,4	31	79,5	420	43,6
Adaptação e similares	156	47,9	103	43,5	146	40,4	5	12,8	410	42,6
Outros	44	13,6	52	21,9	33	9,2	3	7,5	132	13,8
TOTAL	325	100,0	237	100,0	361	100,0	39	100,0	962	100,00

Aqui, apenas o domínio material apresenta, com peso significativo, o recurso a outros procedimentos.¹⁵

Submetendo os dados acima a uma análise estatística (teste de Pearson ou do χ^2),¹⁶ constata-se que a distribuição observada nos procedimentos de tradução aplicados ao domínio ecológico encontra-se dentro da margem de variação aleatória, o mesmo ocorrendo, especificamente, com o recurso à adaptação e à modulação tomadas em conjunto. Já no caso do empréstimo e dos procedimentos a este assemelhados, de um lado, e dos demais procedimentos, de outro, a variação constatada para os domínios material e social¹⁷ é estatisticamente significativa (no limiar de probabilidade de 0,05), permitindo asseverar uma correlação parcial entre domínio e procedimento; ou seja, pode-se afirmar que os dados coligidos indicam ser a natureza do domínio referencial um fator potencialmente condicionante da opção tradutória; e que, portanto, o forte diferencial observado no domínio

¹⁵ Os dados coligidos indicam que este comportamento distributivo específico dos termos referentes à cultura material vincula-se, sobretudo, a uma maior ocorrência de explicitações, quer isoladamente ou em combinação com outros procedimentos (11,4%) e de erros (8%).

¹⁶ Vide Muller (1968).

¹⁷ No que tange ao domínio ideológico, vide nota 13.

da cultura material, em que os procedimentos outros que não aqueles do extremo da escala têm elevada frequência, bem como a posição de destaque assumida pelo empréstimo no domínio da cultura social, não constituem algo fortuito, sendo estes dados relevantes para o entendimento do processo e do produto da operação tradutória envolvida.

O dado estatístico acima não indica, por si só, porém, a que se deve tal correlação. Uma primeira hipótese, de natureza mais especulativa, poderia atribuir a diferença observada a uma relação por assim dizer “natural” entre o tipo de referente e o procedimento tradutório. Nesta linha de reflexão poder-se-ia, por exemplo, sustentar que o domínio social (e, de certo modo, também o domínio ideológico) constituiria obstáculos maiores à tradução, por sua natureza mais “abstrata” ao menos para o receptor de outra cultura, o que induziria *de per se* a ocorrência de um número maior de empréstimos. Embora coerente com os dados, a experiência empírica dos tradutores parece sugerir não ser esta uma suficiente explicação. Com efeito, a própria dificuldade, se presumida maior, poderia igualmente induzir a uma maior incidência de explicitações. Já a adaptação, de fato, torna-se uma opção menos interessante, posto que, no domínio social, isto implicaria inserir elementos da cultura da LM no texto, descharacterizando o próprio exotismo que, não raro, constitui uma das principais motivações de política editorial para a publicação de obras regionalistas estrangeiras. No entanto, a despeito desta aparente desvantagem da adaptação, este procedimento ocorre nos quatro domínios sem flutuações significativas.

Uma segunda hipótese explicativa sugere que a correlação decorreria menos da natureza do componente referencial e mais da natureza da obra traduzida, da diacronia (são diversas as épocas de escrita dos originais e são também diversas as épocas de produção e publicação das traduções) e/ou das opções decorrentes do idioleto do tradutor. Considerando, para o domínio social, a ocorrência de empréstimos e dos demais procedimentos e sua flutuação entre as duas traduções analisadas, obtém-se:

Quadro 3b. Frequência dos procedimentos de tradução aplicados aos termos culturalmente marcados referentes ao domínio da cultura social em *Os Sertões* e em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, com destaque para o empréstimo e a adaptação

PROCEDIMENTOS	Os Sertões		Tereza Batista		Total	
	n	%	n	%	n	%
Empréstimo e similares	144	62,3	37	28,4	182	50,4
Adaptação e similares	66	28,6	73	56,2	146	40,4
Outros	21	9,1	20	15,4	33	9,2
TOTAL	231	100,0	130	100,0	361	100,0

em que o χ^2 para o empréstimo corresponde a 6,280, ou seja, significativamente superior ao limiar de probabilidade de 0,05. Observa-se, ainda, que a frequência da adaptação, que nos quadros anteriores se apresenta bastante estável entre as diversas variáveis, aqui revela-se também flutuante, em correspondência quase inversa com a variação na frequência do empréstimo. Assim, seja qual for o possível fator condicionante subjacente à flutuação observada no domínio social, é muito provável que tal fator diga respeito mais às condições de produção do texto traduzido do que à estrutura lingüística e, mais especificamente, à semântica dos termos em análise.

Observou-se, acima, que, ao desdobrar os procedimentos básicos de tradução em suas diversas combinatórias com outros procedimentos, a explicitação mostra-se responsável por perto de 1/5 do total de ocorrências. Retomando o Quadro 2 e introduzindo a variável dos domínios, constata-se a seguinte distribuição:

Quadro 4. Ocorrência de procedimentos de tradução envolvendo as diversas formas de explicitação, por domínio:

DOMÍNIOS	ECOLÓGICO		MATERIAL		SOCIAL		IDEOLÓGICO		TOTAL	
PROCEDIMENTOS	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Explicitação simples	9	2,8	27	11,4	18	5,0	0	0,0	54	5,6
Empréstimo explicitação +	44	13,5	24	10,1	30	8,3	4	10,3	102	10,6
Tradução literal explicitação +	0	0,0	0	0,0	4	1,1	0	0,0	4	0,4
Modulação explicitação +	1	0,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1
Adaptação explicitação +	7	2,2	14	5,9	2	0,6	0	0,0	23	2,4
Total de ocorrências de explicitação	61	18,8	65	27,4	54	15,0	4	10,3	184	19,1
Outros procedimentos	265	81,2	172	72,6	307	85,0	35	89,7	778	80,9
TOTAL	325	100	237	100	361	100	39	100	962	100,0

Calculando o valor do χ^2 com 3 graus de liberdade, a distribuição do total de ocorrências de explicitação entre os domínios apresenta variações significativas. Observando em maior detalhe a ocorrência por domínio, verifica-se que a variação significativa decorre da frequência nitidamente mais elevada do recurso à explicitação no âmbito do domínio material.

Para verificar se tal diferença decorre das condições de produção ou se releva de um condicionamento intrínseco à natureza do domínio no quadro da operação tradutória português → inglês, elaborou-se o quadro que segue:

Quadro 4a. Frequência dos procedimentos de tradução aplicados aos termos culturalmente marcados referentes ao domínio da cultura material em *Os Sertões* e em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, com destaque para a explicitação

PROCEDIMENTOS	Os Sertões		Tereza Batista		Total	
	N	%	n	%	n	%
Explicitações	40	38,6	25	16,9	65	27,4
Outros procedimentos	61	61,4	111	83,1	172	72,6
TOTAL	101	100,0	136	100,0	237	100,0

Calculando-se o valor do χ^2 com 1 grau de liberdade, obtém-se o índice de 9,03, o que sugere que, aqui também, as condições de produção (especificidades do texto original, diacronia, idioleto de tradutor, política editorial e similares) estejam influenciando a opção pela explicitação, mais empregada na tradução de *Os Sertões* (perto de 40%), e menos usual na tradução de *Tereza Batista*. Visto que parte ponderável das explicitações se manifesta como nota de tradutor e *Tereza Batista* não contém uma única nota de tradutor, pode-se depreender que a correlação efetiva dá-se com a tipologia textual e com as políticas e praxes editoriais, que favorecem o uso de notas no caso de *Os Sertões*, e desestimulam tal uso em *Tereza Batista*.

Discussão e conclusões

O percurso aqui efetuado permite ensaiar algumas considerações à guisa de conclusão, embora o grau de generalização

possível fique necessariamente limitado pela própria dimensão modesta do corpus utilizado.

Feita a ressalva precedente, pode-se afirmar que a tradução dos termos marcadores da especificidade cultural da LF organiza-se em torno de dois eixos principais: o empréstimo e a adaptação. Em sua superficialização, o empréstimo por vezes se mascara como decalque ou, mais comumente, como tradução literal, enquanto a adaptação inclui, de forma mais velada, bom número das ocorrências de modulação.

A explicitação, por sua vez, embora possa ocorrer isoladamente, tende a assumir o papel de ferramenta auxiliar de outros procedimentos, notadamente do empréstimo. Como procedimento padrão, superficializa-se a mais das vezes como construção apositiva, podendo, no entanto, manifestar-se como nota de tradutor.

A omissão *tout court* mostra-se relativamente rara, em especial se considerarmos não a pontualidade de cada ocorrência, e sim a alternância presença/omissão ao longo de cada texto. Entendida, porém, a omissão como uma estratégia de “evitação” da dificuldade, o corpus revela algumas estratégias complementares, como, por exemplo, a modulação, principalmente em sua vertente metonímica.

Poder-se-ia indagar se o empréstimo não seria, também, uma estratégia de “evitação”. Não parece ser este o caso. Do ponto de vista estrutural, é argumentável que o empréstimo, pelo próprio efeito “estrangeirizador” que provoca no espaço de recepção, nada oculta, antes, explicita a alteridade cultural. Os dados coligidos no curso deste estudo, por sua vez, indicam que, em perto de 25% das suas ocorrências, o empréstimo vem acompanhado de alguma forma de explicitação. Ainda, de forma não claramente registrada no levantamento, mas perceptível no acompanhamento longitudinal da tradução, observa-se que os tradutores se valem do efeito da recorrência de determinados empréstimos em co-textos variados e complementares, ativando um processo que resulta em uma somatória de associações, similar ao que ocorre com as aproximações sucessivas das adaptações e modulações, com vistas a “recriar” a imagem mental, denotativa e conotativa, do termo culturalmente marcado do texto original.

No que tange às correlações observadas entre a distribuição dos procedimentos e os diversos domínios da realidade extra-lingüística analisados, não há indícios suficientes para sustentar que a variação distribucional decorra de alguma relação imanente entre procedimento tradutório e natureza específica da realidade extra-lingüística. Há, por outro lado, indícios de que tais correlações sejam atribuíveis às condições de produção das traduções e, possivelmente, da tipologia textual, na medida em que tal tipologia também é, em parte ao menos, influenciada pelas injunções das condições de produção.

A despeito da advertência que inicia estas conclusões, talvez valha a pena aqui ensaiar uma generalização (sujeita, de todo modo, às vicissitudes de qualquer teorização derivada de dados limitados). As análises efetuadas sobre o corpus e as conclusões que essas análises permitem depreender sugerem que há dois planos de previsibilidade na distribuição dos procedimentos, um estrutural, outro situacional. No plano estrutural, o conhecimento da natureza da linguagem e das tipologias lingüísticas que se confrontam no ato tradutório (conhecimento esse em grande parte derivado da gramática comparada e da análise contrastiva) permite prever as soluções tradutórias prováveis. No caso do presente estudo, são esses, conforme já indicado e comprovado empiricamente, os pontos extremos da escala, e, subsidiariamente, a omissão e a explicitação. Já as variações na distribuição desses (e de outros) procedimentos, por vezes ultrapassando o limiar de significância, independem, ao que tudo indica, do plano estrutural, mas encontram explicação no plano situacional, ou seja, nas condições de produção do ato tradutório. O plano estrutural abriga a constância; o plano situacional, a variedade e a imprevisibilidade, exceto por projeção estatística, sempre arriscada em qualquer fenómeno humano, sujeito que é a mais variáveis do que se pode lograr controlar em um estudo dirigido ao produto, não ao processo lingüístico. Nesse sentido, confirma-se a hipótese hjelmsleviana: a constância é inerente à linguagem como tal, a variação é fruto da inserção da linguagem no mundo extra-lingüístico, em suas dimensões sociais, históricas, psicológicas, antropológicas, pragmáticas, enfim.

Referências bibliográficas

- AMADO, J. (1972) *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins.
- Tradução norte-americana de SHELBY, B. (1975) *Tereza Batista home from the wars*. Nova York, Alfred A. Knopf.
- AUBERT, F. H. (1984) Descrição e quantificação de dados em tradutologia. *Tradução e Comunicação* 4. São Paulo, Álamô.
- _____. (1998) Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm* 5(1). São Paulo, CITRAT/FFLCH-USP. p. 99-128.
- _____. (2002) As variedades de empréstimos. (no prelo).
- AZENHA Jr., J. (1999) *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo, FFLCH/Humanitas.
- CUNHA, E. da (1902) *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Francisco Alves (24. ed., 1956). Tradução norte-americana de PUTNAM, S. (1944) *Rebellion in the backlands*. Chicago, CUP.
- HJELMSLEV, L. (1943) *Omkring sprogteoriens grundlæggelse*. Copenhagen, Akademisk.
- JAKOBSON, R. (1969). Aspectos lingüísticos da tradução. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- MOUNIN, J. (1963) *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, Gallimard.
- MULLER, Ch. (1968) *Initiation à la statistique linguistique*. Paris, Larousse.
- NIDA, E. (1945) Linguistics and ethnology in translation problems. *Word* 1.2, p. 194-208.
- VINAY, J. P.; DARBELNET, J. (1958) *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris, Didier.